

## Arte com Noël Carroll – Do formalismo ao pluralismo

Luana Frasson

CARROLL, Noël., *Art in three dimensions*, Oxford University Press Inc., New York, 2010.

Durante as últimas duas décadas Noël Carroll se estabeleceu como um dos filósofos mais importantes de arte contemporânea, o lançamento deste livro em 2010, laureia o autor com uma coleção que reúne alguns dos ensaios que alçaram sua reputação. O título se refere à unificação desses ensaios variados sobre arte e suas manipulações durante este século, o olhar dos filósofos perante as mudanças na arte e o modo com que nossos olhos se transformaram com seu avanço e nossa história, sob o ponto de vista da multiplicidade; seja a partir da produção, seja através da recepção. O livro trás um compêndio das possibilidades filosóficas do olhar e vê a arte como parte do tecido de nossas vidas, que só pode ser entendido quando é visto em seu contexto social, cultural e biológico. Carroll se opõe ao formalismo – produção pela forma -, ao esteticismo – produção pela apreciação -, e à sugestão de que a experiência estética é desinteressada (no sentido de ser removido das nossas preocupações cotidianas), também acreditando que um completo entendimento das artes exige um olhar crítico para toda a gama de obras audiovisuais, reorientando o olhar do crítico com relação à produção cultural popular da sociedade contemporânea, seja na dança ou no teatro, da ópera à novela, da pintura ao cinema, da erudita para a arte popular. Os pensamentos filosóficos nos estudos das artes audiovisuais tornaram Carroll, indiscutivelmente, um notável pensador do nosso tempo.

Carroll preocupa-se na primeira parte do livro, em organizar seus ensaios à explicação e definição de conceitos básicos de “arte” e ao estudo da filosofia analítica (ou conceitual) que constitui o conceito – controverso – por

trás das teorias analíticas e a forma com que ela é difundida (principalmente nas universidades, tentando encontrar um eixo que explique a “aversão” ao estudo metódico nos cursos ligados à arte). Carroll rejeita o simplismo das questões propostas pelas análises conceituais e inverte a questão para a complexificação dos conceitos, então passíveis de análise e que se encaixem na produção de arte do nosso tempo, “clareando” os conceitos para que eles ganhem aplicabilidade. Assim, para se modificar os conceitos, a primeira mudança seria definir o que é arte. As respostas de Carroll vão desde sua produção – e seus significados abstratos - passando pela reflexão acadêmica e chegando a reação da audiência frente ao objeto. Todos esses aspectos – sejam eles metafísicos ou epistemológicos -, segundo Carroll, devem ser levados em consideração à categorização da arte. Se antigamente o reconhecimento de uma obra artística era imediato e quase consensual, hoje ela exige o reconhecimento de artefatos inter-culturais que problematizam questões simples e contrapõe ao que se convencionou aceitar por arte, na cultura ocidental. Segundo a problemática sugerida por Clive Bell e levantada no mesmo tópico por Carroll; para a arte ser considerada “arte” ela deve, antes de tudo, ter a “forma” de arte - o que limitaria a experimentação do artista – e, invariavelmente, transformaria a produção em um círculo vicioso que não compete somente à temática rotativa das produções, mas também ao condicionamento de sua produção, a partir dessa colocação, Carroll explicita uma série de teóricos e suas críticas à análise da obra de arte e sua constituição ao longo do século vinte.

Carroll ainda propõe que os estudos conceituais busquem aporte nas formações narrativas; e se a última oferta da vanguarda não fosse a arte? E se os paradigmas encontrassem referência no próprio observador e a proposta buscasse resposta em um fluxo contínuo da arte entre criador, criatura e observador? A dificuldade do reconhecimento do trabalho da vanguarda é a falha no canal de compreensão entre o artista e a audiência e a melhoria nas narrativas propostas aqui por Carroll, seria então um recurso de aproximação entre o artista e audiência, porém, ainda que resolvesse o problema da “circularidade” da arte, em nada resolveria a questão do princípio, afinal, o que é arte? Assim, ele chega à conclusão de que optar pelo uso narrativo de explanação conceitual, não é abdicar da filosofia analítica de compreensão da

arte, mas sim confrontar a teoria clássica desses conceitos, onde o formalismo – também compreendido como o limite de apreciação artística – impera. A partir daí, o autor nos revela na terceira e quarta parte do livro, o percurso que o pensamento formalista realizou ao longo da história, indicando o mesmo como bom aparato pedagógico de ensino da arte, mas não único na medida em que é limitado, pois, tal qual o esteticismo, levaria a uma produção viciada de arte, que já nasce com a função de “realizar” uma experiência, já fazendo com que perca seu propósito natural.

O autor ainda levanta o surgimento das classificações dos movimentos artísticos como um importante passo na definição de arte, como previa Aristóteles (Carroll, 2010: 45), primeiro se verifica os membros de uma categoria, depois se analisa a natureza das coisas e, por fim, se tem o conceito de algo novo, como o caso das belas artes. Porém, Carroll observa que tanto Platão como Aristóteles, eram propensos a isolar o que tinham por “essência” da arte como o senso de belas (ou finas) artes, ou seja, existe uma limitação do conceito central de interpretação possível da obra ou da interação (tendo em vista que o ideal de arte era a imitação do belo), assim, a arte seria a mimese do real e a produção artística seria compreendida a partir de seu potencial fotográfico, idéia que hoje em dia é descartada mas, em contrapartida, gera a falsa impressão de que “tudo é arte”. Filósofos como Arthur Danto, tinham a arte como algo que “os olhos não podiam descrever”, talvez a representação máxima fosse por meio de objetos antropomórficos dotados de extrema expressão emocional, visual e intencional onde tudo diga respeito – e comunique-se - com alguma coisa, e, enfim, inclassificável. Noel não chega a um consenso quanto a isso, mas a errônea idéia de que tudo é arte veio opor criatividade ao tradicionalismo – como se uma fosse barreira ao sustentáculo da outra – nos revelando a idéia de uma arte moderna, porém é através do pluralismo da tradição que se rompe a corrente artística e capta-se o novo, ainda que com as regras do antigo, atingindo uma gama de possibilidades de novos conceitos, enfim, Carroll nos lembra em diversos ensaios, que ninguém rompe com o passado que não conhece e que o estudo das artes também corresponde à parcela do processo criativo.

O autor também sugere que a arte desperta “insights” sobre estados afetivos absolutos a partir de seus efeitos somáticos no artista e no observador

(exemplo também aplicado à literatura e outras artes de representação), segundo Carroll, a música absoluta (em um ensaio sobre a dança, ele retorna a esse tema. Carroll escreve que, "(...) algumas danças são melhores compreendidas pelo aprofundamento do movimento inspirado pela música... Pela ativação dos reflexos motores no corpo do espectador." [Carroll, 2010: 492]).

Os 25 ensaios deste livro são inteligentes e concatenados, informando de forma abrangente sobre as artes e a filosofia que as constitui. A coleção é um pouco repetitiva e, em certos aspectos, uma monografia sistemática teria sido desejável. Não há dúvidas de que qualquer pessoa interessada em filosofia da arte pode aprender com Carroll e seus paroxismos filosóficos.

---

**Luana Frasson** é graduanda em comunicação pela UNESP e pesquisadora de cinema extremo, atuando também como cineclubista e colaboradora do caderno cultural do Jornal de Piracicaba.